

Antroponímia e toponímia guineenses: desafios linguístico-culturais

Nelson Jaime Có

Universidade Federal de Catalão - PPGEL- CAPES

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-5204-0184>

Maria Helena de Paula

Universidade Federal de Catalão – PPGEL

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-7422-327X>

RESUMO

O nome é uma forma de identificar pertencimentos culturais dos povos ao longo da história das línguas naturais. O ato de nomear estabelece constitutivamente relações de poder entre o nomeado e quem nomeia. No contexto africano, matizado pelo empreendimento colonizador europeu e dentre os países que foram colonizados por Portugal, Guiné-Bissau carrega no seu nome essa representação de poder, uma vez que, nos primeiros contatos com os portugueses, foi apagada do topônimo bossau, através do seu aportuguesamento, a referência à etnia pepel. A estratégia de silenciamento da identidade linguístico-cultural do povo guineense se fez notar também em seus antropônimos, onde se podem verificar apagamentos étnicos em nomes e sobrenomes guineenses transmutados para aqueles de origem portuguesa. No entanto, o povo guineense também resistiu à colonialidade, mantendo muitos de seus nomes nos quais se recuperam pertencimentos étnico-culturais, como apresentaremos nesse estudo. Para demonstrar como aspectos linguístico-culturais de resistência étnica se fazem registrar em topônimos e antropônimos guineenses, apresentaremos um cotejo de alguns nomes comuns como Guiné-Bissau e Bijagós, além de alguns antropônimos por meio dos quais se identifica o grupo étnico-linguístico a que pertence a pessoa nomeada. Os signos foram inventariados em bases como relatórios do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) e documentos cartográficos e sua análise incorporou aspectos da cultura guineense e da composição morfológica, à luz do contexto de significação para a comunidade multilíngue e multicultural de Guiné-Bissau, tema de relevância nos estudos da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE

Nomeação; Antroponímia; Toponímia; Resistência étnico-linguística

REVISTA NJINGA & SEPÉ

* Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão-GO UFCAT (2024); Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Acre - UFAC (2023); Licenciado em Filosofia pelo Claretiano Centro Universitário (2020); Pós-Graduado "Latu-Sensu" em Administração Pública - pelo Centro de Ensino superior de Maringá - UniCesumar (2018) e Graduado em Teologia - pelo Centro de Ensino Superior de Maringá - UniCesumar (2014). Tem experiência na área de educação, com ênfase em filosofia da educação. Foi Conselheiro Suplente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - Município de Cianorte, Estado do Paraná (2015); Foi Presidente e Conselheiro do Conselho Municipal Dos Direitos Da Pessoa Idosa - CMDPI - Município de Tapejara, Estado do Paraná (2017/2019), Brasileiro naturalizado, natural de Guiné-Bissau.

** Possui Licenciatura em Letras - Português pela Universidade Federal de Goiás (1996), Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2000) e Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). É professora da Universidade de Catalão (UFCat, atuando na graduação em ensino, pesquisa e extensão e na pós-graduação como docente permanente no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Na área de Letras, tem experiência em estudos linguísticos e filológicos, com ênfase nos seguintes temas: ciências do léxico em fontes primárias orais e manuscritas, Sociolinguística (em perspectiva descritiva e aplicada ao ensino) e Linguística Antropológica. Atuou, no âmbito da administração superior, como coordenadora de pós-graduação lato sensu e Coordenadora Geral de Pesquisa e Pós-graduação da UFG/Regional Catalão (03/2014-02/2018), compôs a Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) da UFG/Regional Catalão (02/2018 a 02/2021). Tem interesse em atividades de ensino-pesquisa-extensão e cultura na área de africanidades/afrobrasileiridades, com projeto financiado sobre memórias da escravidão negra em Goiás e orientação de pesquisas de graduação e pós-graduação.

Para citar este Resumo (ABNT): CÔ, Nelson Jaime; DE PAULA, Maria Helena de. Antroponímia e toponímia guineenses: desafios linguístico-culturais. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 226, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Para citar este Resumo (APA): CÔ, Nelson Jaime; DE PAULA, Maria Helena de (ago. 2024). Antroponímia e toponímia guineenses: desafios linguístico-culturais. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 226. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI



I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONÍMIA E ANTROPONÍMIA



Nelson Jaime Có - CAPES/PPGEL-UFCAT

Profa. Dra. Maria Helena de Paula - PPGEL-UFCAT

ANTROPONÍMIA E TOPONÍMIA GUINEENSES: DESAFIOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS

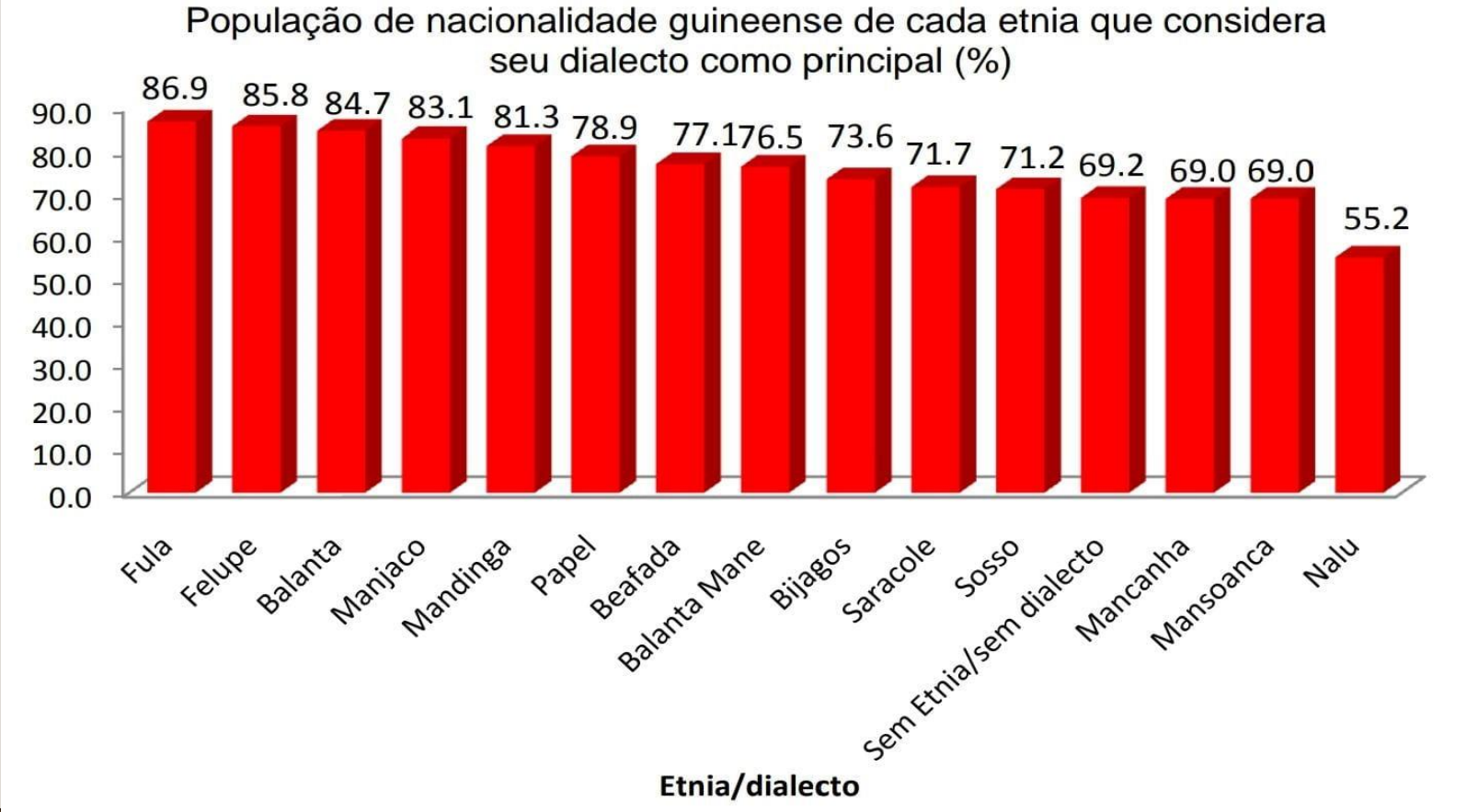
INTRODUÇÃO

- O nome é uma forma de identificar pertencimentos culturais dos povos ao longo da história das línguas naturais. O ato de nomear estabelece constitutivamente relações de poder entre o nomeado e quem nomeia.
- No contexto africano, matizado pelo empreendimento colonizador europeu e dentre os países que foram colonizados por Portugal, Guiné-Bissau carrega no seu nome essa representação de poder.
- A estratégia colonialista de silenciamento da identidade linguístico-cultural do povo guineense se fez notar em seus antropônimos e também em seus topônimos.

De acordo com Couto e Embaló (2010), no território guineense são faladas cerca de 20 línguas étnicas, em que a maioria é praticada em comunidades nas quais predomina o grupo étnico de cada tribo. Muitas delas são pertencentes a famílias diferentes, outras tão aparentadas que poderiam ser classificadas como dialetos de uma mesma língua, como veremos logo abaixo.

ETNIAS	PORCENTAGENS
Fula	16%
Balanta	14%
Mandinga	7%
Manjaco	5%
Papel	3%
Felupe	1%
Beafada	0,7%
Bijagó	0,5%
Mancanha	0,3%
Nalu	0,1%

Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatísticas de Guiné-Bissau (2009, p. 32), etnias guineenses que consideram a sua língua local como a principal são:



ANTROPÔNIMOS EM PEPEL

ANTROPÔNIMOS	SIGNIFICADO	LÍNGUA PORTUGUÊS
Djebdjín Cá	Pode tentar em vão	Dinis Gomes
Barimoi Ié	Não se enterra/ não se sepulta	Agostinho Souza Cruz
Go Glungo Sá	Sempre em movimento	João da Silva Camões
NDji Tendê Djú	Eu ouço vocês	Maria de Fatima
Bouir Cundji Té	Eles que me recusaram	Felismina Pereira Santos
Ndji Uandê Indi	Eu guardei para vocês	Antônia Aparecida Silva
Ngho Cui Có	Estão me rondando	Josefina Alves Almeida
Bdjea Cá	Em vão	José Lopes Pinto
Nbor Canha Nanque	Não tenho ninguém	Armando R. Martins
Bor Fomo Nanque	Não quebrou	João Arlete Q. G. Pereira
Nbor Namundê Có	Não sou parecido com vocês	Paulo Gonçalves Moureira
Acanha Nanque	Ele (a) tem dono	Cristina Marques Carvalho

TOPÔNIMOS NÃO PORTUGUESES

LÍNGUA LOCAL	TOPÔNIMOS	SIGNIFICADO
Pepel	Bossau	Somos bossaus (somos pepéis)
Pepel	Quelele	Foroba (fruta)
Pepel	Cuntum (Ntum)	Boca, no sentido de papear, Conversar
Pepel	Bra	Lugar onde se pode beber
Pepel	Plack	Pedra
Pepel	Pilum (Npilum)	Mandipli (criolo), Cajá
Criola	Tcon di Pepel	Chão dos Pepéis (Papéis)
Fula	Boé (plural bowal)	Local sem árvore em uma floresta, com água parada e pedras ao redor

TOPÔNIMOS EM PORTUGUÊS

Bairro Militar

Residencial Coimbra

Zona 7

Bairro D´Ajuda

Belém

Santa Clara

São Paulo

Pedreira

Reino (psis, em pepel; reno, em crioulo)

PALAVRAS FINAIS

- **Pertencimento:** os nomes nos “colocam pertencendo” a uma determinada estrutura social (dinâmicas sociais e históricas).
- Antropônimos pepéis: conectam “narrativas” do nascimento e da pessoa nomeada; sobrenomes conectam com um **pertencimento** étnico.
- Pedra: Plack (pepel).
- Quando os nomes são mudados para português o nomeado perde a referência primeira , não se vê no nome (percepção narrada pelo Nelson).

PALAVRAS FINAIS

- Pedreira: sem correspondência em línguas guineenses porque as pedreiras vêm com os colonizadores
- Colinas de **Boé** (fula): referência histórica da Independência (24 de setembro de 1974).
- Os nomes das pessoas e dos lugares na GB expressam relações de poder, de forte presença colonial.
- Qual o grande desafio da antroponímia e da toponímia guineenses, ante o que apresentamos aqui ?

REFERÊNCIAS

COUTO, Hildo Honório; EMBALÓ, Filomena. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: Um país de CPLP. **Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, n. 20. Brasília, 2010. p. 256.

GUINÉ-BISSAU. Instituto Nacional de Estatísticas. Terceiro recenseamento geral da população e habitação. Bissau-GB: **INEP**, 2009. Disponível em [INEP características socio cultural.pdf](#). Acesso em: 10 dez. 2021.

OUIRGADO!



OBRIGADA!

Nelson Jaime Có - CAPES/PPGEL-UFCAT

Profa. Dra. Maria Helena de Paula - PPGEL-UFCAT

**ANTROPONÍMIA E TOPONÍMIA GUINEENSES:
DESAFIOS LINGUÍSTICO-CULTURAI**